

1. O que é a Fonologia Gerativa?

A Fonologia Gerativa constitui um ramo de estudo da Gramática Gerativa e baseia-se na Teoria Padrão da Gramática Gerativa Transformacional (Chomsky, 1965). O livro que abriu esse novo caminho para os estudos da fonologia foi publicado por Chomsky & Halle (1968): *The Sound Pattern of English*.

O objetivo principal da Gramática Gerativa é explicitar o conhecimento linguístico/faculdade da linguagem do falante-ouvinte de cada língua, e a gramática é concebida como sistema de regras que especifica a correspondência sons-significados em cada língua. De acordo com a teoria padrão da Gramática Gerativa, a gramática é um sistema modular que consiste em Léxico, Sintaxe e Fonologia. O Léxico é um componente no qual as informações não-previsíveis e idiossincráticas estão guardadas e é dado pela gramática universal junto com o sistema de regras (regras de reescritas (sintáticas)); a Sintaxe é responsável pela ordem das sentenças por meio da transformação; a Fonologia é responsável pela estrutura sonora que se aplica na saída da Sintaxe e converte as informações sintáticas e semânticas em formas fonéticas.

A proposta da Fonologia Gerativa é, então, construir uma gramática da fonologia de uma língua que descreva o conhecimento fonológico do falante-ouvinte dessa língua em termos de sistema de regras e, depois, construir uma teoria de língua que explique as variações e os padrões de sistema de regras, as quais são derivadas de um estado inicial uniforme. A abordagem da Fonologia Gerativa, portanto, concentra seu esforço, inicialmente, na descrição completa e minuciosa das propriedades linguísticas relacionadas à estrutura sonora de cada língua em termos de sistema de regras que satisfaz a adequação descritiva. A partir da adequação descritiva, ela muda o foco para a determinação de princípios e condições de boa-formação para satisfazer a adequação explicativa.

2. O que a Fonologia Gerativa estuda?

A Fonologia Gerativa postula alguns pressupostos.

(1)

a. o léxico e o inventário de fonemas de cada língua natural são dados pela gramática universal;

b. A gramática da cada língua é um conjunto de sistema de regras;

c. Existem dois níveis de representações: Representação Subjacente e Representação Superficial.

De acordo com os pressupostos descritos acima, o léxico e o inventário de fonemas de cada língua natural são dados pela gramática universal, uma vez que o léxico é meramente uma lista de itens lexicais idiossincráticos e imprevisíveis. A gramática é concebida em termos de sistema de regras e sua derivação, da representação subjacente para a representação fonética (forma fonética correta). Na Fonologia Gerativa, a representação subjacente, também chamada na literatura de representação fonêmica sistemática ou forma básica, é uma representação abstrata e corresponde à saída da sintaxe, que inclui as propriedades morfológicas e as classes lexicais, além das propriedades

¹ Agradeço à profa Eunice Nicolau, ao Prof. Marco Antônio de Oliveira e ao(à) revisor(a) anônimo(a) pela leitura, discussão e correção do português. Todos erros que persistem são da minha inteira responsabilidade.

fonológicas como os traços distintivos; as informações sintáticas e morfológicas não são guardadas no componente fonológico e, conseqüentemente, são interpretadas em termos de fronteiras. Segundo Chomsky & Halle (1968:11), ela é equivalente à representação morfofonêmica² do Estruturalismo americano.

A representação superficial, ou chamada de *representação fonética sistemática* ou *forma fonética (correta)* na literatura, é derivada pela mediação de regras fonológicas que se aplicam serialmente na representação subjacente. Quando nenhuma regra fonológica é aplicada na representação subjacente, a própria representação subjacente emerge como a representação fonética – a forma fonética correta a partir da representação subjacente. A estrutura do componente fonológico da Fonologia Gerativa pode ser resumida como em (2):

(2) Representação Subjacente -> Regras Fonológicas -> Representação Superficial

A Fonologia Gerativa descreve alternâncias sonoras³ em cada língua, formalizando-as em regras e identificando processos fonológicos. Pode-se dizer que há uma alternância sonora quando um fonema apresenta mais de um alofone contextual. Ou seja: as alternâncias sonoras ocorrem devido a processos fonológicos que afetam determinado contexto – as regras são sensíveis ao contexto. O objeto principal da Fonologia Gerativa, portanto, é descrever/caracterizar e formalizar as alternâncias sonoras que ocorrem da representação subjacente para a representação superficial.

As regras fonológicas são conhecidas como regras de reescrita e representadas como em (3):

(3) A -> B / C ___ D

CAD -> CBD

A regra de reescrita é uma expressão formal que mostra uma relação entre as unidades de representações diferentes no componente fonológico, por meio da derivação fonológica que mostra as etapas em que as regras se aplicam a partir da representação subjacente para a representação fonética. Isso é ilustrado pela derivação fonológica de (4):

(4) Derivação Fonológica

/CAD/	Representação subjacente
B	Aplicação de regra
[CBD]	Representação superficial/fonética

Em (4), /CAD/ é a descrição estrutural da regra na qual a classe natural de fonema A de uma língua não é preferida no contexto de C ___ D (onde C e D são classes naturais de sons) e muda para outra classe natural de som mais preferida, (B) neste contexto, dando como resultado a representação superficial [CBD] – Mudança Estrutural. A descrição estrutural e o processo envolvido (A ->B), portanto, são foco e objeto principal nas análises fonológicas da teoria da Fonologia Gerativa. Esta regra de reescrita expressa as alternâncias sonoras em termos de traços distintivos que envolvem vários processos fonológicos, tais como assimilação total ou parcial, dissimilação, apagamento, inserção, metáteses, etc. As regras de (5), a seguir, demonstram tais fatos:

² Na Fonologia Gerativa, não há distinção entre os processos fonológicos condicionados pela morfologia (distinção morfofonêmica, nos termos dos Estruturalistas) e os processos fonológicos condicionados pelos fatores fonéticos (distinção fonêmica, cf. Lee (2001)).

³ Pode-se dizer que há uma alternância sonora quando um fonema apresenta mais de um alofone contextual. Por exemplo, [t] alterna com [tʃ] no português do Brasil.

(5)

/...CAD.../ → [...CAD...] (Não há mudança)
 [...CBD...] (mudar /A/ para [B])
 [...CED...] (mudar /A/ para [E])
 [...CD...] (apagar /A/)
 [...CDA...] (metátese)
 [...CAED...] (inserir [E] entre A e D), etc.

Em outras palavras, a Fonologia Gerativa trata as alternâncias sonoras numa língua natural como parte central do componente fonológico e formaliza essas alternâncias em regras, que constituem expressão formal e simbólica do conhecimento linguístico/fonológico do falante/ouvinte. Além disso, a referida teoria tenta determinar os princípios e as variações de um estado inicial uniforme, relacionando as regras fonológicas e suas derivações de uma língua com outras línguas.

3. Como analisar fenômenos da língua usando a Fonologia Gerativa?

Na Fonologia Gerativa, a fala consiste em sequências de unidades discretas que são conjuntos de traços na ordem linear. Embora os traços distintivos tenham sido introduzidos pela Escola de Praga para caracterizar os sons, eles se tornaram a unidade principal para caracterizar as alternâncias sonoras na Fonologia Gerativa. Schane (1973: p. 33) mostra que i) os traços distintivos têm seus fundamentos na fonética – correlatos articulatórios, acústicos e perceptuais; ii) os traços devem ser adequados para caracterizar diferenças fonéticas entre línguas naturais; os traços devem acomodar os alofones principais de uma língua; iii) o conjunto de traços distintivos deve acomodar todos os contrastes num sistema de língua, uma vez que os traços servem para categorizar os contrastes fonêmicos de uma língua; iv) os segmentos que compartilham os traços fonéticos, às vezes, sofrem os mesmos processos fonológicos. O conceito de fonema, portanto, no sentido do estruturalismo, não existe na Fonologia Gerativa, tendo em vista que o fonema é um conjunto de traços distintivos que se relaciona com seus alofones. Os traços distintivos na formulação de regras, além disso, trouxeram muitas vantagens na explicação das alternâncias sonoras. Uma delas é o uso do conceito de classes naturais – os segmentos que compartilham os traços fonéticos podem sofrer o mesmo processo fonológico, constituir o ambiente para os processos fonológicos e ser alvo/resultado de processos fonológicos. Existe, por exemplo, uma alternância sonora entre [t], [d] e [tʃ] [dʒ] diante de vogal /i/ no português do Brasil. No modelo de Item e Arranjo da abordagem estruturalista (fonêmica), esta alternância é descrita como em (6), abaixo.

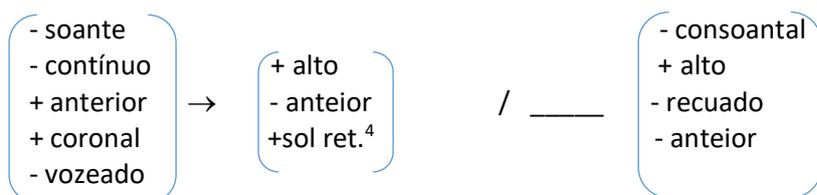
(6)

O fonema /t/ realiza-se como [tʃ] diante de vogal [i]

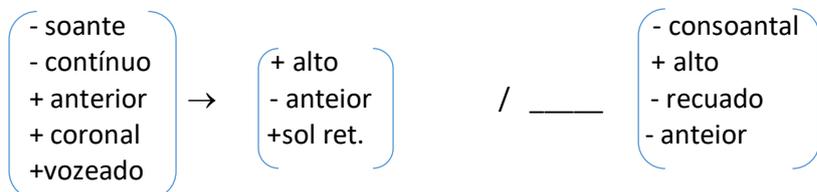
O fonema /t/ realiza-se como [t] nos demais ambientes/contextos

A abordagem fonêmica concentra seu esforço na identificação do fonema e seus alofones em cada língua. Por outro lado, a alternância sonora do fonema /d/ para seus alofones ([d] e [dʒ]) é considerada como um processo independente de palatalização de fonema /t/ para seus alofones ([t] e [tʃ]), uma vez que o fonema é unidade mínima na sua análise. Na Fonologia Gerativa, essas alternâncias podem ser formuladas em regras em termos de traços distintivos (Item e Processo), como a seguir.

(7) t-> tʃ / __ i



d -> dʒ / __ i



As regras⁵ acima mostram que os fonemas /t/ e /d/ são expressos em termos de conjuntos de traços distintivos na representação subjacente e seus alofones [tʃ] e [dʒ] também estão descritos como conjuntos de traços distintivos na representação fonética. As regras fonológicas mostram um processo de assimilação – a vogal alta anterior ou um glide modifica as consoantes oclusivas alveolares para consoantes africadas pós-alveolares, como nos exemplos abaixo.

- (8) /tia/ -> palatalização -> [tʃi]a
 /dia/ -> palatalização -> [dʒi]a

A regra de palatalização aplica-se da representação subjacente para a representação superficial: os processos fonológicos (palatalização) mediam entre as representações. As regras de (7) mostram que, na Fonologia Gerativa, o fonema consiste em alguns traços distintivos que contrastam com outros – os fonemas /t/ e /d/ diferem somente no traço [+/- vozeado] e alofones são gerados pela modificação e inserção de alguns traços como em [tʃ] e [dʒ]. Em outras palavras, o fonema na Fonologia Gerativa, é expresso nas regras fonológicas em termos de traços distintivos que caracterizam seu contraste fonêmico e sua relação com seus alofones, e os outros traços que estão presentes na matriz fonológica de cada fonema são preenchidos pelas regras de redundância, universais⁶ e de língua específica.

As regras, além disso, são avaliadas por meio da simplicidade ou do menor número possível de traços distintivos na descrição ou na sua formulação – métrica da avaliação (*evaluation metric*). Os traços distintivos na descrição das classes naturais são utilizados minimamente na formulação de regras, e a operação/processo das regras modifica os traços distintivos minimamente e somente os necessários – por exemplo, nas regras de (7), os traços distintivos dos fonemas, [+anterior, -alto], são afetados pelos traços distintivos da vogal/glide, e a regra insere um traço [+soltura retardada] na representação subjacente. Essa propriedade de simplicidade/economia é um dos elementos que permitem avaliar e determinar a melhor gramática numa língua – menos especificação na caracterização das classes naturais, na descrição estrutural e menos especificação na operação/processo são escolhidos como melhor.

As regras de (7) apresentam redundâncias nas suas formulações: as consoantes oclusivas alveolares que sofrem o processo de palatalização e as consoantes africadas pós-alveolares

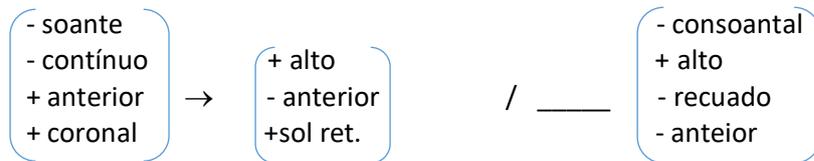
⁴ Soltura Retardada

⁵ As regras são adaptadas de Lopez (1979)

⁶ A impossibilidade de [+alto, +baixo], por exemplo, traz as regras de redundâncias universais de [+alto] -> [-baixo] e [+baixo]-> [-alto]. Veja Schane (1973) sobre as regras de redundâncias.

resultantes da palatalização constituem classes naturais. Além disso, as duas regras compartilham um mesmo contexto. Isso significa que as duas regras não são dois processos distintos, e as regras são unificadas em uma regra mais geral como em 9.

(9) Palatalização: t, d -> tʃ, dʒ / ___ i



A regra unificada de (9) mostra um processo de palatalização mais geral e abrangente, uma vez que as regras usam o menor número possível de traços distintivos, comparada com as regras de (7); o processo de assimilação torna-se mais natural, na medida em que a regra demonstra como os traços distintivos das consoantes oclusivas alveolares são afetados pelos traços das vogais. A mudança de ponto de articulação é expressa por meio dos traços [-alto] e [-anterior] da vogal. Isso significa que a consoante se aproxima da vogal. Essa palatalização é um caso típico de assimilação por meio da co-articulação - os sons influenciam-se quando um ou mais segmentos são produzidos ao mesmo tempo.

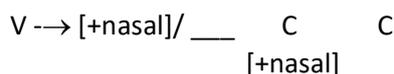
A simplicidade/economia na formulação das regras e a naturalidade de processos fonológicos são mecanismos avaliativos para determinar qual é a gramática (componente fonológico) que melhor satisfaz a adequação descritiva (cf. Chomsky, 1965).

Quando há contexto para a aplicação de determinadas regras, elas se aplicam na representação subjacente para derivar a forma fonética correta. Mas suas aplicações na representação subjacente nem sempre garantem, de imediato, essa forma, pois as regras precisam ser ordenadas pela gramática, ou seja, quando duas ou mais regras podem se aplicar no mesmo contexto, estas regras precisam ser ordenadas para se obter a forma fonética correta. Existem 4 tipos de relações de ordenamento de aplicação das regras fonológicas: **Alimentação** (*Feeding*), **Contra-Alimentação** (*Counter-Feeding*), **Sangramento** (*Bleeding*) e **Contra-sangramento** (*Counter-Bleeding*).

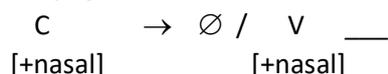
A relação de **Alimentação** se dá quando a aplicação de uma regra gera o contexto para a aplicação de outra regra. O caso de nasalização da vogal e queda da consoante nasal no português é um exemplo.

(10)

a. nasalização



b. apagamento de consoante nasal



(10) mostra que a consoante nasal sofre a queda somente após a aplicação da nasalização da vogal, que gera contexto para o apagamento da consoante nasal. A regra da nasalização da vogal alimenta a regra de apagamento de consoante nasal.

A relação de **Contra-Alimentação** é conhecida como um dos casos de opacidade na literatura, tendo em vista que a regra fonológica não se aplica, embora o contexto satisfaça a aplicação da regra, ou seja, determinado segmento não deveria existir na forma fonética do ponto de vista de regras fonológicas (*non surface true*, McCarthy (1999))

No português europeu, a vogal média anterior sofre centralização, quando é seguida de uma consoante fricativa palatal. Mas esta centralização não se aplica quando a consoante palatal é derivada, embora o contexto satisfaça para a aplicação da regra, como em (11). A aplicação da regra de centralização em (11a) é opaca e não se aplica em (11d), embora haja contexto para tanto.

(11)

a. Centralização $V \rightarrow [-bk] / _ [-soa, -ant, -vozeado]$

b. Palatalização $s \rightarrow \text{ʃ} / _ \{C, \#\}$

c. Fecho $\rightarrow f[\text{ə}]o$

d. Vespa $\rightarrow v[\text{eʃ}]pa, *v[\text{ə}]pa$ (dados extraídos de Colischonn, 2008)

Na fonologia gerativa, a aplicação das regras é resolvida através do ordenamento extrínseco na gramática: aplique a regra de centralização primeiro e depois aplique a regra de palatalização. A fonologia deve determinar o ordenamento de aplicação das regras para obter a forma fonética correta, como a derivação fonológica (12) demonstra.

(12) Centralização – Palatalização

UR	/vespa/	/feʃo/
Centralização	_____	ə
Palatalização	ʃ	_____
Forma Fonética	v[eʃ]pa	f[ə]o

A relação de **Contra-Sangramento** é outro caso de opacidade, e McCarthy (1999) a trata como *non surface apparent*: o segmento na forma fonética não deveria ocorrer sem o contexto de aplicação, mas ocorre. A presença de determinado segmento não deixa claro de onde ele foi derivado. Diferentemente de relação **(contra-)alimentação**, os contextos das duas regras satisfazem sua aplicação na representação subjacente, e a aplicação de uma regra não impede a aplicação da outra na relação de **(contra-)sangramento**.

No crioulo de São Tomé dos Príncipes, por exemplo, a consoante fricativa palatal ocorre somente acompanhada de vogal alta anterior ([i]); mas a palavra *palaʃu* contém esta consoante sem vogal alta anterior. A vogal alta anterior é apagada durante a derivação como a regra (13b) demonstra.

(13)

a. Palatalização $s \rightarrow \text{ʃ} / _ V[+alto, -Bk]$

b. Apagamento da vogal $V \rightarrow \emptyset / _ V$

As duas regras de (13) satisfazem o contexto de aplicação na representação subjacente /palasio/, e a aplicação da primeira regra (palatalização) não impede a aplicação da segunda regra (apagamento da vogal), como a derivação (14) demonstra.

(14) Derivação de palasio $\rightarrow palaʃu$

UR	/palasio/
Palatalização	ʃ
Apagamento da vogal	palaʃo
Forma Fonética	palaʃo (Dados extraídos de Halle & Clements, 1983)

Além disso, a forma fonética correta, palaʃo mostra que a consoante palatal pode ocorrer sem a presença de vogal alta anterior – é o caso da relação de **contra-sangramento**. Para obter a forma fonética correta como em (14), a gramática de São Tomé deve estabelecer o ordenamento de aplicação das duas regras – Palatalização >> Apagamento. Caso contrário, a aplicação da regra de

apagamento impede a aplicação da palatalização, eliminando o contexto da aplicação de regra como mostra a derivação (15):

(15) Apagamento -> Palatalização

UR	/palasio/
Apagamento da vogal	palaso
Palatalização	_____
Forma Fonética	*pala[s]o

A derivação (15) mostra que o ordenamento invertido apresenta a relação de **sangramento**. A questão da opacidade – contra-alimentação e contra-sangramento – mostra a importância do ordenamento das regras fonológicas que mediam a derivação fonológica da representação subjacente para a representação fonética. O ordenamento das regras traz o estágio intermediário para derivar a forma fonética correta, embora este estágio não seja visível na forma de superfície.

4. Poderia me dar um exemplo?

Esta seção discute a questão da conspiração (Kenstowicz & Kisseberth, 1977), por meio das alternâncias sonoras do arquifonema /S/ do português. A conspiração é conhecida na literatura como homogeneidade de alvo e heterogeneidade de processo: processos fonológicos diferentes são aplicados para se obter o mesmo resultado.

As consoantes fricativas coronais do português apresentam contrastes fonêmicos quando estão em posição inicial de palavra ou entre vogais, como mostram os exemplos de (16):

(16)

- a. a[s]a vs. a[z]a vs. a[ʃ]a vs. a[ʒ]a
- b. [ʃ]ato vs. [ʒ]ato
- c. [ʃ]ego vs. [s]ego

Essas consoantes fricativas coronais apresentam diferenças em relação ao traço vozeamento [α vozeado]⁷ e ao ponto de articulação [α anterior, +coronal] na representação subjacente.

(17)

/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/
- soante + contínuo + anterior + coronal - vozeado	- soante + contínuo + anterior + coronal + vozeado	- soante + contínuo - anterior + coronal - vozeado	- soante + contínuo - anterior +coronal + vozeado

Quando a consoante fricativa coronal se concentra na posição final da sílaba ou na posição final da palavra, o vozeamento desta consoante varia de acordo com o vozeamento do segmento seguinte.

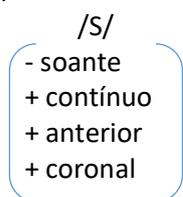
(18)

- (a) Pa[s/*z]ta vs. Me[z/*s]mo
- (b) Rapa[s/*z]

⁷ α representa + ou -

Para explicar a alternância sonora da consoante fricativa nessas posições, o novo fonema, arquifonema /S/, foi introduzido na fonologia do português (cf. Camara Jr, 1970). Este arquifonema é representado por meio de traços distintivos na Fonologia Gerativa como em 19.

(19)



Em (19), o traço de vozeamento não está especificado na representação subjacente e este traço é preenchido pela regra de assimilação de vozeamento ou pela regra de neutralização, como em 20.

(20)

- a. /S/ -> [α vozeado] / ___ [α vozeado]
- b. /S/-> [-vozeado] / ___ #

Por outro lado, essas alternâncias sonoras também ocorrem durante a formação de palavras, derivação e flexão, como os exemplos em (21) mostram:

(21)

- a. De[z]gosto vs. De[s]favorável
- b. rapa[z]es

Os exemplos que apresentam as alternâncias sonoras envolvem morfofonologia. O arquifonema assimila o traço de [vozeamento] do primeiro segmento do radical pela regra de assimilação de (22a), e a regra (22b) insere [+vozeamento] diante de uma vogal à junção morfológica, tanto na posição final do prefixo, quanto na posição final do radical após a epêntese (no caso do plural).

(22)

- a. /S/ -> [αvozeado] / ___ + [α vozeado]
- b. /S/ -> [+vozeado]/ V___ $\left\{ \begin{array}{l} + \\ \# \end{array} \right.$ V

/meSmo/	/RapaS #S/	/deS favoravel/	+	Representações Subjacentes
:	:	De[s f]avoravel		assimilação (22a)
:	[RapaSeS]	:		Epêntese (Regra Fonológica)
:	[RapazeS]	:		S-sonorização (22b, <i>feature filling</i>)
:	[Rapazes]	:		desvozeamento final (20b, <i>feature filling</i>)
[mezmo]	:	:		assimilação (20a, <i>feature filling</i>)
:	:	:		
[mezmu]	[hapazis]	De[sf]avorável		Formas Superficiais (<i>Output</i>)

Além disso, esses fenômenos de assimilação e sonorização ocorrem entre palavras como os exemplos de (23) ilustram:

(23)

- a. Rapa[s] feio vs. Rapa[z] bonito
- b. casa[z]amarela

Diferentemente dos exemplos anteriores, as alternâncias entre palavras alteram a sonoridade da consoante fricativa alveolar, que passa de surda [s] para sonora [z], uma vez que o traço de [-vozeamento] já foi atribuído na posição final da palavra pela regra de neutralização.

Os exemplos discutidos nesta seção mostram a complexidade da aplicação de regras para derivar a forma fonética correta devido à estrutura morfológica envolvida (derivação e flexão). As informações morfológicas são interpretadas em termos de fronteiras na Fonologia Gerativa, como as regras de (22), uma vez que não há acesso ao componente morfológico nesse modelo. Além disso, as diferentes regras com/sem fronteiras morfológicas levam ao mesmo resultado: [z] é obtido pela sonorização de preenchimento de traços de dois tipos de regras diferentes em (22) e também é obtido pela assimilação de modificação de traços em (23). Esse fenômeno é conhecido na literatura como conspiração, ou seja, o mesmo alvo (forma fonética) é obtido por processos fonológicos diferentes.

5. Quais são as grandes linhas de investigação?

As pesquisas da Fonologia Gerativa são conhecidas como Fonologia Segmental ou Fonologia Derivacional. A abordagem da Fonologia Gerativa considera a fala como a sequência de um conjunto de traços distintivos, e as questões segmentais, como assimilação e dissimilação, nas línguas que estão relacionadas à co-articulação. Outros processos fonológicos são motivados pela percepção. A questão da percepção pode ser dividida em duas partes – sequências sonoras mais perceptíveis como em CVCVCV e prosódia. Quanto às sequências sonoras mais perceptíveis, as línguas tentam evitar encontros consonantais e encontros vocálicos, valorizando a sequência sonora de [CVCVCV...], que é mais perceptível, e os processos fonológicos envolvidos são apagamento ou inserção. Quanto à prosódia, as sílabas tônicas são mais salientes e perceptíveis do que as sílabas átonas e, naturalmente, as últimas se sujeitam mais a processos fonológicos, como redução e apagamento.

No final de anos 70, a Fonologia Gerativa mudou o foco de pesquisa para a representação, devido à complexidade de aplicação de regras e à abstração da representação subjacente. Os estudos de suprasegmentos (tom, sílaba e acento) abriram caminho para a teoria da Fonologia Não-linear e se aproximaram mais da adequação explicativa, introduzindo condições de boa-formação e princípios na teoria. A Fonologia Gerativa introduziu a fonologia no componente morfológico para resolver as diferenças entre morfofonologia, relacionada com a estrutura interna das palavras, e fonologia, que, no início de anos 80, apresenta alternância sonora pela motivação fonética.

A Fonologia Gerativa é uma teoria formal, cujo objetivo principal é caracterizar o conhecimento fonológico do falante/ouvinte que satisfaz a adequação descritiva e serve de alicerce para a adequação explicativa.

6. O que eu poderia ler para saber mais?

Para alunos de graduação:

Abaurre, Maria Bernadete Marques FONOLOGIA: A GRAMÁTICA DOS SONS.1993 Letras 5. UFSM. Pp. 9-24

Bisol, Leda (org) Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro. 4ª edição. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2005.

CÂMARA, Jr. J. M. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis:Vozes. 1970.

Cagliari, L. C. Análise Fonológica: Introdução a Teoria e a Prática com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico. Edição do autor. Campinas.1997

Hayes, B. Introductory Phonology. Wiley-Blackwell, Chichester. (2009).

Lee, S.-H. Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil. Tese de Doutorado Unicamp- IEL Campinas, 1995.

Lopez, Barbara S. (1979). The Sound Pattern of Brazilian Portuguese. Doctoral dissertation, UCLA.

Mateus, M. H. M. (1982). Aspectos da Fonologia Portuguesa. 2ª ed., Lisboa:CLUL.

Schane, S. A. Generative Phonology. Prentice-Hall. 1973

Schwindt, Luiz Carlos (org.) Manual de Linguística Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Editora Vozes. 2014

Para alunos de pós-graduação

Chomsky, Noam. Syntactic Structures. Mouton. 1957.

Chomsky, N. Aspects of the Theory of Syntax. MIT Press, Cambridge, MA. 1965.

Chomsky, Noam and Morris Halle (1968) The Sound Pattern of English. New York: Harper and Row.

Goldsmith, J. A., ed. (1995). The Handbook of Phonological Theory. Basil Blackwell, Oxford.

Goldsmith, John A. (ed.) Phonological theory: The essential readings. Blackwell Publishers, Oxford. 1999.

Goldsmith, J. A., Jason Riggle & Alan Yu, eds. The Handbook of Phonological Theory. 2nd Edition. Oxford: Blackwell. 2011

Halle, M & N. Clements. Problem book in Phonology. The MIT Press. 1983.

Kenstowicz, Michael (1994). Phonology in Generative Grammar. Blackwell Publisher, Cambridge.

Kenstowicz, M. and C. Kisseberth (1979). Generative Phonology: Description and Theory. Academic, San Diego.

Odden, D. (2005). Introducing Phonology. Cambridge University Press, Cambridge.

Referências:

LEE, Seung-Hwa Formas de Entrada e Otimização do Léxico In: Estudos sobre a Estrutura gramatical da linguagem. Belo Horizonte : Editora O Lutador, 2001, v.1, p. 41-58.

Collischonn, Gisela. Opacidade fonológica em português e sua análise pela Teoria da Otimalidade: uma comparação entre diversas alternativas teóricas. Alfa, 52. 2008

Kenstowicz, Michael and Charles Kisseberth (1977). Topics in Phonological Theory. New York: Academic Press

McCarthy, John J. Sympathy and Phonological Opacity. Phonology, Vol. 16, No. 3. 1999, pp. 331-399